

VIVER E MORRER NO ORKUT: os paradoxos da rematerialização do ciberespaço

ALBUQUERQUE, Afonso de
Doutor pela UFRJ
afonsoal@uol.com.br

RESUMO

O artigo se propõe a discutir aspectos relativos à experiência da morte, tal como ela se apresenta no Orkut, site de relacionamentos que se tornou tremendamente popular entre os usuários brasileiros. O que a morte revela sobre a vida no ciberespaço? De que maneira o processo de luto se constrói em um ambiente em que o perfil sobrevive ao usuário? Em que medida a morte dos outros se constitui como uma ocasião para refletir sobre o próprio sentido da vida?

Palavras-chave: Orkut. Morte. Comunicação mediada por Computador. Luto.

*Quando pararem todos os relógios
De minha vida, e a voz dos necrológios
Gritar ao mundo que eu morri,
Voltando à pátria da homogeneidade,
Abraçada à própria Eternidade,
A minha sombra há de ficar aqui!
(Augusto dos Anjos)*

1 INTRODUÇÃO

O que é a vida no ciberespaço? Quais são as características que a definem de modo fundamental? O nosso texto se propõe a enfrentar essas questões a partir de um ângulo pouco usual - aquele que se apresenta a partir da experiência da morte -, tendo em vista, em particular, o modo como a questão da morte se apresenta no *Orkut*, um site de relacionamentos que se tornou extremamente popular entre os usuários brasileiros.

Nada é tão certo quanto a morte, e nada é tão incerto também. Temos consciência da nossa mortalidade, mas o que é a morte, afinal? Poucos problemas são tão universais quanto aqueles que a morte apresenta. Qual o seu sentido, sua razão de ser? O que acontece quando morremos? Como devemos lidar com ela? Não obstante o problema seja essencialmente o mesmo em toda parte, as maneiras de responder a ele variam enormemente de sociedade para sociedade. Assim, a morte pode ser uma passagem para um plano superior (ou inferior), a ocasião de um reencontro com os que se foram antes de nós, a oportunidade de uma nova vida ou, simplesmente, o fim. Na diversidade de formas como é compreendida e enfrentada, a morte se apresenta como um importante revelador acerca dos modos como a própria vida é definida em um dado ambiente social. Neste artigo, estamos interessados em investigar o que a morte tem a nos ensinar sobre a vida no ciberespaço.

Sugerimos, aqui, que o *Orkut* apresenta algumas características que parecem apontar na direção de uma corporalização do ciberespaço. Por muito tempo, foi comum a idéia de que o ciberespaço se fazia habitar fundamentalmente por um tipo de sujeito “virtual”, descorporificado. No limite, essa visão deu lugar a perspectivas acentuadamente idealistas, como aquela propagada por Pierre Lévy. Para este autor, a superação dos limites comunicativos do corpo físico e socialmente situado parece ser a condição *sine qua non* para o advento do estado de interconexão universal que ele denomina “cibercultura” (1999). Mais do que quaisquer elementos do mundo concreto -

tais como vínculos espaciais, institucionais, econômicos ou políticos - o que uniria os participantes das comunidades virtuais seria fundamentalmente os seus interesses comuns. Tal proposição não tardou a ser desafiada por estudos empíricos acerca do funcionamento dessas comunidades. Por exemplo, em sua análise sobre uma lista de discussão sobre as Escolas de Samba cariocas, Sá (2005) verificou que dados do “mundo real”, como o lugar de origem do participante, sua maior ou menor inserção no universo do samba desempenhavam um papel fundamental na construção da autoridade do participante sobre o assunto junto aos seus colegas. Tal exemplo dá conta de uma dinâmica de importação da lógica do mundo físico e socialmente constituído para o universo online.

Por corporalização do ciberespaço, porém, entendemos mais do que a simples importação de padrões de comportamento e de legitimação do mundo físico e social para o ciberespaço; trata-se de identificar os dispositivos que emprestam de algum modo à experiência no ciberespaço uma dimensão corpórea. No caso do *Orkut*, essa corporalização assume diferentes facetas. A mais óbvia diz respeito à possibilidade de o usuário ganhar uma “face” oficial (a foto do perfil) que é acionada toda vez que ele interage com os demais, e que permite aos demais saber quando ele está on-line. Outro aspecto, contudo, se revela ainda mais importante, pelo menos em face dos objetivos deste artigo: a presença no *Orkut* se mantém de maneira contínua, até mesmo quando os usuários estão *off-line*. Neste sentido, a experiência que se constitui no ambiente do *Orkut* se distingue de forma decisiva de um traço que, segundo alguns autores, caracterizariam a vida no ciberespaço: a sua leveza essencial, derivada da possibilidade de o usuário se desconectar a qualquer momento da rede (REID, 1999).

Os mecanismos de corporalização que o *Orkut* permite são um elemento fundamental para explicar os problemas bastante particulares que a morte do usuário apresenta neste espaço.

2 HABITAR O ORKUT: CORPO E PERSONA

Como se constitui essa dimensão corporal da experiência *orkutiana*? Naturalmente, o usuário não se faz presente diretamente, “de corpo próprio” no *Orkut*, mas através da mediação do software e seus recursos expressivos. De fato, o kit-padrão de auto-apresentação do *Orkut* disponibiliza inúmeros recursos, que permitem aos usuários construir perfis virtuais bastante elaborados. Tomando de empréstimo o conceito de “oralidade secundária”, consagrado por Ong (1998), podemos sugerir que a experiência *orkutiana* se constitui com base em uma “corporalidade secundária”.

Para além de dados básicos como nome, idade, cidade e país de nascimento e foto de apresentação, o usuário conta com diversos outros recursos através dos quais ele pode construir o próprio perfil, individualmente ou em colaboração (ou antagonismo) com os demais usuários. Dentre eles se inclui um álbum com espaço para até 12 fotos, um perfil social, um profissional e outro pessoal, construídos a partir de questionários abertos - espaços nos quais os usuários podem escrever livremente acerca de si próprios (por exemplo, a seção “quem sou eu”) - ou fechados - nos quais eles devem optar entre alternativas apresentadas por um menu (por exemplo, a seção “idiomas”). A construção do perfil inclui também os “amigos” que o usuário convida ou aceita - e cujas fotos aparecem em um mostruário no alto à direita, as comunidades que ele subscreve - e aquelas das quais ele efetivamente participa, os depoimentos feitos por conhecidos, o seu “karma” (conjunto de características que medem o quanto um usuário é “sexy”, “confiável” e “legal” no entender dos demais usuários), os recados que ele recebe e deixa para os demais usuários.

A pluralidade de dados identificadores propiciados pelo *Orkut* parece estar a serviço de uma estratégia que valoriza a confiabilidade dos usuários e dos relacionamentos que eles estabelecem uns com os outros. Essa estratégia é explicitamente afirmada na página de abertura do *Orkut*, e nos procedimentos de ingresso - a entrada no universo *orkutiano* requer um convite por parte de membro já cadastrado -, mas não se esgota aí. Um papel fundamental é desempenhado pelos diversos mecanismos de objetivação dos relacionamentos mantidos pelo usuário, que não apenas os registram, mas os disponibilizam para todos os demais usuários. Alguns exemplos são as listas de amigos e de comunidades de cada usuário e a “cadeia de amigos” (fulano que é amigo de beltrano que é amigo de cicrano). Tais mecanismos estabelecem uma rede de compromissos que garantem a presença do perfil do usuário no *Orkut* mesmo quando este está *off-line*.

O *Orkut* tem sido por vezes caracterizado como um espaço dominado pela exposição desmesurada do “eu”, o palco privilegiado de uma espécie de *strip-tease* psíquico. Sibilia (2006), por exemplo, situa o *orkut* juntamente com os *blogs*, *fotologs* e outros recursos comunicativos como espaços confessionais por excelência, no qual artistas sem obra proliferam e fazem da própria intimidade a base do seu espetáculo. Não resta dúvida que o fenômeno apontado pela autora existe, e não faltam exemplos para comprová-lo. Reduzir o *Orkut* a isso seria um erro, porém. Mais do que um espaço dedicado à auto-expressão, ele é um site de relacionamentos, dedicado a reforçar e construir laços entre seus integrantes. Desse ponto de vista, a auto-exposição no *Orkut* pode significar algo diferente de um desejo exibicionista incontido dos usuários. Pode

se tratar simplesmente de um recurso que me permite estabelecer um intercâmbio com os outros usuários. Falo de mim menos porque suponho que os demais se interessam muito pelo que tenho a dizer, e mais como um modo de trocar experiências, de dialogar com os outros. Muito embora todos possam acessar a minha página, interessam-me apenas meus amigos e conhecidos, pessoas com as quais me relaciono (ou com quem eu gostaria de me relacionar).

Seria ingênuo, contudo, considerar os perfis do *Orkut* como uma pura e simples transposição da identidade dos usuários para o ambiente do ciberespaço. Os recursos expressivos propiciados pelo software tornam possível aos perfis operar de modo bastante autônomo em relação aos usuários “do mundo real” que lhes dão origem. Os perfis *orkutianos* constituem uma espécie de *persona*, uma espécie de máscara social, utilizada nas circunstâncias apropriadas. Não se trata, naturalmente, da *persona* romana, o ser do direito cujo *status* remete à imago, a máscara mortuária do ancestral falecido (MAUSS, 1950), nem tampouco da *persona* teatral que Sennett (1988) identifica como o fundamento da vida pública vigorosa do século XVIII, estruturada com base em rigorosas convenções de vestuário e de comportamento.

A *persona orkutiana* se caracteriza, em muitos aspectos como um tipo de identidade pós-moderna, no sentido que Hall (2003) dá ao termo: uma identidade plural, dinâmica e fragmentária. O usuário pode se reinventar a cada instante, mudando a sua foto de apresentação, o seu perfil, a sua autodefinição, as suas comunidades. Além disso, ela é mediada pela lógica da interface (JOHNSON, 1997) de que o usuário se vale para construir a sua identidade. O item relativo ao “relacionamento”, por exemplo, apresenta apenas seis opções: casado(a), solteiro(a), namorando, casamento aberto, relacionamento aberto, além da omissão ativa de informações (a opção “não há resposta”). Merece destaque - pelo menos do ponto de vista do foco de interesse deste texto - a ausência da categoria viúvo(a) no leque de opções do usuário.

Em alguns casos, a *persona orkutiana* parece querer reproduzir “autenticamente” a personalidade do usuário no ciberespaço; em outros casos, ela tem um caráter grandemente ficcional (isso é levado ao extremo no caso dos *fakes*). De um modo geral, a relação entre as *personas* e os usuários do *Orkut* se caracteriza por uma considerável dose de ambigüidade.

No *Orkut*, perfis aparentemente autênticos convivem com outros, decididamente *fakes*, famosos ou não¹. Às vezes, a fronteira entre usuários autênticos e *fakes* parece clara, como no caso dos inúmeros Saddam Hussein e Bin Laden que grassam no *Orkut*. Em outros casos, porém, as coisas parecem bem mais complicadas.

Uma experiência pessoal pode servir de ilustração. Ao ingressar no *Orkut*, descobri, um tanto surpreso, que eu já estava lá. O meu outro “eu” tinha a minha foto, meus amigos e opiniões que se pareciam muito com as minhas próprias. De fato, por um bom tempo o meu “eu *fake*” teve muito mais amigos do que o meu “verdadeiro eu”. Durante o meu período inicial no *Orkut*, experimentei a estranha situação de ser visto como uma cópia degradada do meu próprio *fake*... Como regra geral, contudo, a coexistência entre perfis mais ou menos “autênticos” (ou abertamente *fakes*) não parece problemática. Iguala-os a condição de *personas*, máscaras de que os usuários se valem para se relacionarem uns com os outros.

3 A MORTE E SEUS SIGNIFICADOS

A morte é um fenômeno universal, mas morrer não significa o mesmo em toda parte. Um exemplo de experiência radicalmente distante da nossa pode ajudar a esclarecer a questão. Ela diz respeito aos habitantes da Nova Caledônia na transição para o século XX, tal como estudados por Maurice Leenhardt em *Do Kamo* (1971), um livro tão importante quanto pouco conhecido. Simplificando um bocado o argumento do autor, podemos dizer que a concepção de vida dos habitantes da Nova Caledônia se estruturava em torno de dois conceitos: *kamo* e *bao*. O termo *kamo* pode ser traduzido livremente como “ser vivente”, enquanto *bao* equivale a “defunto”, “ancestral” ou “deus”. O ponto a se destacar aqui é que os dois termos não se opõem de modo radical, como em nossa cultura. Em parte, isso ocorre porque os deuses e ancestrais são considerados os sustentáculos de toda a vida. Ainda mais importante: não existe uma ruptura abrupta entre os estados *kamo* e *bao*. Envelhecer é tornar-se progressivamente *bao* e participar do mundo dos deuses/ancestrais. Assim, o que faz de um ancião um sábio não é tanto a sua experiência neste mundo, mas o seu contato com os seres do outro mundo, os deuses/ancestrais.

O contraste com a situação da morte no Ocidente atual, tal como descrita por Ariès (2003), não poderia ser maior. De acordo com esse autor, verifica-se uma “crise da morte” na contemporaneidade. A morte se tornou objeto de um tabu, um tema sobre o qual não se deve falar. Em nome da piedade, convém manter o moribundo ignorante do seu destino por tanto tempo quanto seja possível. Do mesmo modo, as manifestações de luto devem ser evitadas ou pelo menos bastante contidas, de modo que os “sobreviventes” possam retornar tão brevemente quanto possível a sua vida “normal”. A morte, assim, se opõe à vida de modo absoluto, e se cobre por um manto de fracasso e vergonha. Caracteristicamente, morre-se sozinho, no hospital, como resultado de um fracasso da medicina (que não foi capaz de “salvar” o morto) e - por

que não? - do próprio morto, que “perdeu a luta contra a morte”. Naturalmente, é preciso alguma cautela antes de generalizar a partir do quadro pintado por Ariès. É preciso ter cuidado quanto à possibilidade de se tratar de um “exagero metodológico” - derivado do afã de se destacar o caráter radicalmente novo de uma atitude frente à morte - ou quanto à tentação de se generalizar como “ocidentais” atitudes que se desenvolvem privilegiadamente nos Estados Unidos.

Neste texto, consideraremos algumas atitudes que se desenvolvem frente à questão da morte no *Orkut*, tendo em vista o uso que os brasileiros fazem do site de relacionamentos. Diferentemente de Ariès, nossa análise não tem o objetivo de identificar tendências dominantes no trato com a morte; ao contrário, trata-se de um mero rascunho da diversidade de questões, enfoques e modos de tratamento que cercam a questão da morte no *Orkut*.

4 “I SEE DEAD PEOPLE”: A PERSONA SOBREVIVE AO USUÁRIO

Conviver com pessoas mortas é uma experiência perturbadora, mas certamente não excepcional para aqueles que freqüentam o *Orkut*. Esta é uma consequência não prevista da particular forma de corporeidade que caracteriza a experiência *orkutiana*, à qual nos referimos mais acima. Dado que o perfil do usuário permanece ativo mesmo quando este está *off-line*, é bastante provável que a *persona orkutiana* sobreviva ao usuário, pelo menos naqueles casos em que este leva a sua senha para o túmulo.

Em inúmeros aspectos, os mortos *orkutianos* se parecem muito com os vivos. Suas fotografias freqüentemente apresentam pessoas cheias de vida, flagradas em festas, viagens e na companhia de amigos. Os seus perfis e comunidades indicam uma vida psicológica rica e diversificada: um gosto e uma sensibilidade próprios, sonhos, frustrações e planos para o futuro. As listas de amigos, recados e testemunhais dão ao morto um lugar nas relações sociais. Naturalmente, em todos estes aspectos destaca-se o espectro de uma lacuna: aquela pessoa não existe mais, seus amigos não podem mais contar com ela; seus planos perderam, de súbito, todo o sentido. Os mortos *orkutianos* permanecem congelados em um eterno presente desprovidos de futuro.

Os mortos *orkutianos* podem muito bem representar mais um capítulo na saga da fantasmagoria baseada nos meios eletrônicos de comunicação, analisada por Felinto (2006). A partir da segunda metade do século XIX, os dispositivos tecnológicos de produção e transmissão de imagens e sons - fotografia, rádio e televisão, para citar os exemplos mais tradicionais, ou o fantascópio e o estereoscópio, menos conhecidos - foram freqüentemente utilizados como recursos a serviço da comunicação com os espíritos. No nosso caso, contudo, não se trata dos fantasmas clássicos, espíritos

desencarnados genuínos que se busca contatar, mas, ao contrário, de vestígios muito vívidos e materiais de pessoas que sabemos ausentes.

5 A MORTE DA PERSONA: O ORKUTCÍDIO

Bem menos dramático, mas não menos interessante é o fenômeno da morte da *persona orkutiana*. Particularmente, consideramos aqui o caso da morte da *persona* provocada pelo próprio usuário: o chamado “*orkutcídio*”. Naturalmente, não se trata de morte no sentido estrito. Contudo, o fato de ser comparado a um suicídio, mesmo que ironicamente, é digno de nota. Ele é indicativo de uma certa perenidade da *persona orkutiana*, certamente de uma maior do que sugere a bibliografia clássica sobre comunidades virtuais. Abandonar uma *persona* é abandonar um lugar social, definido por relações estáveis com outros usuários, comunidades, recados e depoimentos, para não falar do *karma* e dos fãs. Naturalmente, sempre é possível ao usuário arrependido retornar ao *Orkut* com um outro perfil, mas fazê-lo significa ter que recomeçar tudo da estaca zero, sem a possibilidade de recuperar alguns suvenires da *persona* anterior, como depoimentos tocantes e inspirados.

O *orkutcídio* pode ser definido, assim, como uma experiência branda e auto-provocada de morte social. Trata-se de uma forma branda não apenas porque nada impede que o usuário retorne ao espaço de convivência com outra identidade - de fato, muitos usuários acumulam diversas experiências de *orkutcídio* -, mas também pelo fato de não implicar nenhum sentido de sanção social. Tal como os suicidas, os *orkutcidas* freqüentemente anunciam e procuram justificar o seu gesto, e muitas vezes o fazem através de mensagens dirigidas ao conjunto de amigos. Outros usuários lidam com o *orkutcídio* de modo mais irônico e relaxado. Por exemplo, um conjunto de membros da comunidade “Eu penso no *orkutcídio*”² planejou e executou um *orkutcídio* coletivo em comemoração aos ataques de 11 de Setembro.

Nem todo fechamento de conta no *orkut*, porém, pode ser considerado *orkutcídio*. Isso só acontece no caso de perfis dotados de existência pública, que fazem do *orkut* a ocasião de uma vida social ativa. Não é este o caso dos perfis *fake* criados para propósitos puramente *voyeurísticos*. Dado que o anonimato é o princípio fundamental desses perfis, a morte social se torna, para eles, uma questão sem sentido.

6 VELAR OS MORTOS: O LUTO NO ORKUT

A coexistência de vivos e mortos no espaço *orkutiano* apresenta algumas questões

interessantes no que diz respeito à atitude dos usuários frente à morte. A questão fundamental que se trata de discutir é: como lidar com o luto em um ambiente no qual o “corpo” do defunto se mantém intacto, e em meio aos vivos? Sabemos que o luto é um período liminar (Cazeneuve, 1971; TURNER, 1974), no qual nos preparamos para lidarmos com o desaparecimento de um ente querido. O final do período de luto sinaliza para a aceitação de uma nova realidade, um mundo no qual nossos entes queridos não estão mais presentes, ao menos fisicamente. O que fazer, então, se os nossos entes queridos se recusam a desaparecer, recusam-se a ocupar o lugar que lhes seria devido, em outro plano que não o nosso? Essa trama, o eixo básico das histórias de fantasmas, encontra no *Orkut* o espaço para um curioso desenvolvimento. Nesta seção, examinaremos algumas estratégias através das quais o luto é enunciado e vivido no espaço do *Orkut*.

A primeira delas diz respeito à situação de pessoas falecidas que compartilhavam a sua senha de acesso com outras. Trata-se de uma situação pouco comum, mas que merece registro. Nesse caso, o usuário sobrevivente tem a oportunidade de recharacterizar o perfil do morto, informando a todos os demais sobre o seu passamento. Em alguns casos, o autor do novo texto informa a sua identidade - a namorada, o marido, a mãe do falecido. Um recurso mais impessoal é postar a notícia da morte do usuário. Em todos os casos, contudo, as mudanças apontam para um processo de luto em andamento, visto que a presença do perfil no *Orkut* se destina explicitamente a indicar que o usuário não está mais ali.

As duas outras estratégias independem do fato de mais alguém ter acesso à senha do falecido. Ela diz respeito ao uso dos recados deixados na página do morto e às comunidades criadas em sua memória.

Começemos pelos recados. Este espaço se caracteriza, fundamentalmente, pela lógica da conversação, mensagens dirigidas de usuário a usuário, nas quais o conteúdo se subordina fortemente aos imperativos da sociabilidade. Convites para festas, programação para o fim de semana, comentários banais sobre os colegas de escola e mensagens de parabéns, escritos em linguagem informal, constituem a base em torno da qual o espaço se organiza. Em linhas gerais, as mensagens se estruturam como prolongamentos de conversas anteriores, ou chamamentos para um bate-papo privativo (“já para o *msn*!”), que permita um maior aprofundamento dos temas considerados, longe da curiosidade pública.

À primeira vista, tais características não fazem dos recados o espaço mais adequado para a veiculação de mensagens destinadas à posteridade. Deste ponto de vista, os depoimentos pareceriam muito mais adequados. Contudo, os depoimentos

dependem da aceitação expressa do usuário, o que os exclui como opção de homenagem aos usuários falecidos (pelo menos no caso daqueles que não compartilhavam a sua senha com outra pessoa). Assim, os recados, postados na página do usuário à sua revelia, se apresentam como uma alternativa prática.

Dois tipos de recados predominam nesse espaço. Um número considerável de mensagens recorre a expressões tradicionais de despedida, tais como “Fica com Deus”, “Descanse em Paz” (eventualmente nas formas abreviadas “D.E.P” e “R.I.P”). Em outros, contudo, a lógica da conversação permanece uma marca predominante. Alguns exemplos bastam para ilustrá-lo:

sabe lindinha eu venho aki todos os dias te olho e saio...nao da pra eu escrever sempre..pq doi muito..sabe qndo vc nao pensa num assunto ele nao te incomoda tanto..eu faço assim com meu irmao tb...mas tem dias..q é mais forte..é o unico lugar terreno q parece q vc vai ler....queria entender algumas coisas..outras queria esquecer...outras queria mudar...e outras queria guardar pra sempre...mas de todas essas a unica q tenho certeza é a sua memoria nao vai apagar nunca...a pakena linda...q saudades.. Putz! Mas do seu lado TUDO ficava legal! Eu, como sempre rabugenta, reclamando pra caralho da chuva e vc nem aí. Me chamando de velha!!! E que eu ia ver como iria ser bom! Que eu não iria me arrepender. E foi mesmo! Esses dias tbm eu estava vendo o abadá do camaleão fest. Era seu niver e eu te coloquei no meu ombro e fomos lá pra frente e vc até falou com o Bel. ... CARALHO! QUE SAUDADE! Bem, chega... Só passei aqui para admirar mais uma vez esse seu sorriso contagiante que nunca vai sair da minha memória. TE AMO!!!!

Os trechos selecionados indicam algumas das dificuldades que o ambiente do *Orkut* apresenta para a experiência do luto. Dado que o morto não desaparece da vista dos demais usuários, torna-se difícil definir os termos apropriados para lidar com eles. É indelicado deixar de falar com ele? Qual a forma mais apropriada de demonstrar os sentimentos diante de alguém que já sei foi, mas permanece incomodamente presente? Como se dirigir ao amigo morto? Como amigo ou como morto? Os trechos citados ilustram bem a ambigüidade que a situação de luto apresenta no *Orkut*. De certo modo, o texto parece querer negar a morte do usuário, uma vez que o texto se dirige ao morto, e não aos demais leitores. Tal circunstância permite o relaxamento dos padrões de formalidade normalmente utilizados em nossa sociedade para tais circunstâncias e justifica, em nome da intimidade com o morto, o uso de expressões que, de outro modo, seriam consideradas como inaceitáveis para a ocasião.

As comunidades apontam para uma maneira totalmente diferente de honrar os mortos. Elas se constituem como pontos de encontro, em torno dos quais familiares e amigos se reúnem para homenagear o falecido. A maioria dos títulos dessas comunidades deixa evidente o fato de se tratar de um espaço dominado pela lógica do

luto: “Saudades Eternas de X”, “Descanse em Paz, Y”, “Te amaremos para sempre”. O mesmo se dá com as descrições dessas comunidades:

Hj não perdemos apenas um amigo, mas sim um irmao!
Amigo fiel, companheiro e camarada! Pessoa inigualavel, inesquecivel! A vida agente não pode prever o que nos vai acontecer infelizmente. Todos nós sentiremos muito a sua falta! Essa comunidade é pra todos q sentem falta do nosso amigo e irmao Q!

Pra vc que como eu convivia, com esse cara muito maneiro, gente fina, sempre de bem com a vida e que agora sente muitas saudades dele, entre e sejam bem vindossss... Para parentes, amigos íntimos, amigos de zueiras e ate quem so ouviu falar dele ele era e sempre será o cara... Q nós te amamos cara e sei que aonde vc está agora está muito bem tb, por isso ficaremos aqui sempre lembrando de vc e dos momentos alegres que vc nos proporcionou [...]

Em seu conjunto, os títulos e descrições das comunidades funcionam como uma espécie de lápide virtual, que demarca simbolicamente um lugar de reunião em torno de um corpo (também virtual) do morto. Tipicamente, os fóruns de discussão reúnem poucas mensagens, postadas perto da época da morte. Na maior parte dos casos, a homenagem ao morto se reduz ao gesto de inscrever a comunidade em sua honra.

7 A VIDA QUE A MORTE REVELA: OS PERFIS DE GENTE MORTA

O último aspecto do modo como a morte é experimentada no *Orkut* de que trataremos aqui diz respeito às comunidades dedicadas a vasculhar perfis de pessoas falecidas. A mais conhecida delas é *Profiles de Gente Morta* (ou PGM), fundada em 23 de dezembro de 2004 por Guilherme Dorta, e que contava com cerca de 34 mil membros em outubro de 2006³. Os membros da comunidade se dedicam a coletar informações relativas à morte de usuários do *Orkut*, postar links para os seus perfis e a discutir questões relativas ao seu estilo de vida e às circunstâncias da sua morte. PGM se converteu em um verdadeiro objeto de culto para muitos usuários, o que pode ser comprovado pelo número considerável de “comunidades-satélites” que se organizaram em torno dela (“Sou viciado na †Profiles†”⁴, “Fiz amigos reais na PGM”⁵, “Qndo morrer me coloque na PGM”⁶, “Gente Morta sem Profile”⁷, “Queremos a PGM no Fantástico”⁸).

A importância de PGM como referencial de debate sobre a vida e a morte no *Orkut* é ilustrada também pela criação de comunidades dissidentes, como, por exemplo, “In Memoriam”⁹, fundada em 16 de julho de 2005, e que contava com cerca de 1.600 membros em outubro de 2006. A comunidade é moderada pelo *fake* Agente Morgan Freeman, alter-ego de Carol Marinho. Outrora uma das mais ativas participantes de PGM, Carol Marinho deixou a comunidade por conta de divergências com o moderador

Guilherme Dorta. As marcas da origem da comunidade são, ainda hoje, perceptíveis no seu texto de abertura: “Após observar uma comunidade em q se postavam profiles de gente morta, resolvi criar essa, visto que aquela era pouco democrática, desrespeitava os mortos e os vivos”.

Para os membros dessas comunidades, o *Orkut* parece ser, simultaneamente, um espaço de ocultação e de revelação acerca das verdades do mundo real, e a morte se apresenta como uma oportunidade ímpar para conhecer aspectos autênticos dos bastidores da vida dos usuários, que se escondem por detrás da fachada representada pela *persona orkutiana* (GOFFMAN, 1985). Morto, o usuário não poderia mais conduzir o espetáculo da sua auto-apresentação, e seria finalmente exposto nos seus traços mais íntimos e fundamentais. É, pois, uma busca pela autenticidade da vida “real”, por detrás das pistas deixadas no mundo “virtual” que move boa parte dos freqüentadores dessas comunidades.

Como não poderia deixar de ser, a morte do usuário, nas circunstâncias concretas em que aconteceu, constitui o ponto de partida da busca por pistas sobre quem ele era “de verdade”. O primeiro passo é encontrar os mortos. Em alguns casos, eles são conhecidos (ou conhecidos de conhecidos); em outros, pessoas cujas mortes foram tornadas públicas pelos meios de comunicação. As mortes violentas correspondem a uma grande parcela do total, não apenas porque estas mortes têm maior probabilidade de obter cobertura da mídia, como também pelas características etárias do uso do *Orkut*, um espaço freqüentado principalmente por pessoas jovens (cerca de três quartos dos usuários declaram ter 30 anos ou menos).

As circunstâncias da morte do usuário são um elemento importante para o julgamento do seu caráter. Os casos de suicídio despertam grande controvérsia: para alguns usuários, tirar a própria vida é um tabu fundamental, o que justifica um tratamento bastante agressivo dispensado ao morto; outros consideram o morto digno de pena antes que de ódio, visto que “ninguém sabia o que ele estava passando para fazer uma coisa dessas”. No outro extremo, doenças prolongadas são vistas como indicativas de um caráter moralmente positivo: via de regra, o morto é retratado como alguém que sofreu muito, mas “lutou até o fim”. Homicídios e acidentes recebem na maior parte um tratamento positivo, embora, em alguns casos, sejam envolvidos por uma nuvem de suspeita. “É nisso que dá se meter com bandido”, afirmou um freqüentador da comunidade, diante das circunstâncias de um homicídio. No caso dos acidentes, a suspeita de que foram ocasionados pelo abuso do álcool produzem juízos igualmente severos. Em face da história de uma usuária que morreu em um acidente de carro na volta de um bar, um freqüentador da comunidade não teve dúvidas em

concluir: “foi suicídio; beber + dirigir = suicídio”. Em apoio a sua tese, este freqüentador não hesitou em recorrer ao *profile* da morta (“bebo: excessivamente”) e a recados deixados por amigos.

O passo seguinte é buscar informações sobre o período que cercou o falecimento do usuário. As “últimas mensagens” recebidas pelo morto são objeto de grande interesse por parte dos freqüentadores dessas comunidades. Eles descrevem, a partir do olhar de amigos e conhecidos aspectos da sua vida cotidiana, suas expectativas, seus planos de curto e longo prazo, os quais, contudo, foram frustrados pela morte. Em alguns casos, essas mensagens acompanham o processo de agonia e morte, e descrevem detalhadamente a esperança, a solidariedade e o desespero dos amigos e parentes da vítima. As mensagens postadas após a morte do usuário são, igualmente, objeto de atenção. Tanto a quantidade de mensagens postadas quanto o conteúdo destas são comumente considerados como evidências de que o falecido era alguém muito amado ou, ao contrário, que seus amigos são “muito frios”.

A busca pela “vida real” que a morte revela e oculta constitui a pedra de toque de tais comunidades. Por isso mesmo, boa parte das energias dos seus freqüentadores se destina a separar o joio do trigo, isso é, distinguir o perfil dos mortos “de verdade” daqueles que são *fake*. De fato, não é incomum que, por brincadeira, pessoas informem a morte de amigos e conhecidos, ou que forjem a própria morte usando perfis *fake*. Ambas as atitudes se fazem objeto de grande indignação, na medida em que atentam diretamente contra os propósitos de seriedade dessas comunidades (os membros flagrados neste tipo de atividade são usualmente expulsos da comunidade). Assim, os membros da comunidade aguardam ansiosamente por sinais que confirmem a veracidade da morte, tais como recados de amigos inconformados. Na ausência desses sinais, a morte é considerada suspeita. Como no seguinte exemplo:

O rapaz q pediu pra ela postar me pediu tb.. disse q postaria se tivesse mais certeza. Nem ele sabe se é verdade.. tb achei estranho entre 822 amigos.. nenhuma condolencia... sem contar q 1 hora da manha (Brasília) ele mandou um scrap pra uma amiga.. sei lá.. achei estranho... mas vamos esperar!

Pelo menos sob alguns aspectos, essas comunidades parecem desempenhar funções tradicionalmente atribuídas à religião, tais como intermediar a relação entre vivos e mortos e, em termos mais amplos, fornecer explicações acerca do próprio sentido da vida e da morte. Em especial, essas comunidades promovem um tipo de interpretação *sensacionalista* da morte, uma vez que ela é centrada no ato de morrer e enfatiza as suas circunstâncias dramáticas e chocantes. Dessa forma, elas se inserem no

âmbito de uma tradição bem estabelecida, cujo exemplo mais evidente é oferecido pelo jornalismo sensacionalista. Ao dizê-lo, não estamos sugerindo que o interesse suscitado por tais comunidades possa ser resumido como o mero resultado de um escapismo mórbido, de uma forma particularmente perversa de alienação, na linha sugerida por Angrimani Sobrinho (1995), dentre outros. Como diversos autores (SCHUDSON, 1978; BIRD ; DARDENNE, 1993; SINGER, 2001) têm indicado, a imprensa sensacionalista desempenha um papel importante no sentido de fornecer respostas para as questões e ansiedades específicas que se apresentam no mundo contemporâneo, principalmente no que concerne aos habitantes dos grandes centros urbanos. Questões que dizem respeito, por exemplo, às condições de habitação que se apresentam nas grandes cidades; o espectro do crime, e os prazeres perigosos representados pela velocidade e pelas drogas.

Isso não significa, naturalmente, que tais comunidades procedam de modo idêntico à imprensa sensacionalista. A começar pelo seu *modus operandi*. Diferentemente do jornalismo tradicional, caracterizado por uma desigualdade estrutural no tocante ao status de jornalistas (“emissores”, produtores e difusores ativos da informação) e dos seus leitores (“receptores”, consumidores passivos da informação), a lógica da veiculação de mensagens nas comunidades é colaborativa, de modo que todos os usuários podem se alternar nos papéis de veiculadores e consumidores dessas mensagens.

Além disso, o ambiente que o *Orkut* oferece à experiência dos seus usuários é inteiramente distinto daquele que constitui a matéria-prima da experiência metropolitana, que tem servido de base ao jornalismo sensacionalista. Afinal, os leitores dos jornais sensacionalistas estão inteiramente imersos no ambiente que estes descreviam e, por este motivo, não eram meros espectadores de dramas alheios: as notícias veiculadas por estes jornais dizem respeito aos seus próprios medos, ansiedades e esperanças, decorrentes da sua exposição a um frenético ambiente urbano. O *Orkut*, por outro lado, oferece o ambiente de uma imersão parcial: paradoxalmente, o usuário está e não está presente nesse espaço o tempo todo. Ele está continuamente presente para os demais usuários, que podem vê-lo e interpelá-lo mesmo quando ele está *off-line*; do ponto de vista da experiência do usuário, contudo, essa presença é apenas parcial. Nem mesmo para o usuário mais contumaz, o *Orkut* resume toda a sua existência.

Os medos, as ansiedades e esperanças que as comunidades de perfis de falecidos exploram são, no fundamental, os mesmos do jornalismo sensacionalista, mas uma variável nova se acrescenta a eles: a ansiedade relativa à identidade (equívoca)

daqueles que encontramos no *Orkut*. Alguém que se revela e se esconde através de uma máscara, da *persona orkutiana*. Mas, quem? A morte do usuário parece oferecer uma janela de oportunidade para desvendar o dilema.

8 CONCLUSÃO

O modo como as pessoas compreendem a morte e lidam com ela varia enormemente de cultura para cultura e fornece interessantes pistas para o entendimento da diversidade de formas com que a própria vida é definida. Este trabalho buscou na experiência da morte alheia, o seu ponto de partida para discutir alguns aspectos acerca da vida no ciberespaço, tendo em vista o caso específico do site de relacionamentos *Orkut*. Propusemos que, ao contrário do que tem sido freqüentemente observado em relação às comunidades virtuais, os perfis do *Orkut* apresentam algumas características que podemos designar como “corporais”. Não apenas os usuários se fazem representar por um “rosto oficial” em todas as intervenções que fazem no espaço do *Orkut*, como os seus perfis permanecem presentes nele, mesmo quando o usuário está *off-line*.

Essa “corporeidade secundária” que se desenvolve no *Orkut* se vê diante de alguns desafios interessantes em face do fenômeno da morte. É bastante comum que os perfis do *Orkut* sobrevivam aos seus usuários e se transformem, assim, em um tipo de fantasmas do mundo virtual. Sua insistente permanência em meio aos vivos apresenta sérios problemas para o processo de luto: como se despedir de alguém que não vai embora? Por outro lado, a decisão de encerrar a conta no *Orkut* é freqüentemente definida nos termos de uma morte, como a expressão “*orkuticídio*” deixa claro, embora em um sentido um tanto quanto leve e irônico. Finalmente, a morte se apresenta, para alguns usuários, como a oportunidade de se conhecer o verdadeiro usuário que se esconde (ou, mais apropriadamente, se escondia) por detrás do perfil, visto que o falecido não pode mais conduzir o espetáculo da sua auto-apresentação no *Orkut*. Ao que tudo indica, essa é uma das motivações dominantes de comunidades como a “*Profiles de Gente Morta*”. Paradoxalmente, para os seus freqüentadores, a morte parece abrir uma oportunidade única de vislumbrar, por detrás do perfil “artificial”, a vida real.

ABSTRACT

This article aims to discuss some questions about the experience of death, as it occurs in Orkut, an online community which became very popular among Brazilian users. What death reveals about the life in cyberspace? How the mourning process is experienced when the users' profiles survive to the death? How the others' deaths can be an

occasion to think about the meaning of life?

Keywords: Orkut. Death. Computer Media Communication. Mourning.

RESUMEN

El presente artículo se propone discutir aspectos relativos a la experiencia de la muerte tal cual ella se presenta en el "Orkut", comunidad virtual muy popular entre los usuarios brasileños. ¿Loqué la muerte revela sobre la vida en un ciberespacio? ¿De qué forma el proceso de duelo se construye en un ambiente en que el perfil sobrevive al usuario? ¿En qué medida la muerte de otras personas se constituye en una ocasión para reflexionar sobre el propio sentido de la vida?

Palabras claves: Orkut. Muerte. Comunicación mediada por la computadora. Lucho.

REFERÊNCIAS

ANGRIMANI SOBRINHO, Danilo. **Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa**. São Paulo: Summus. 1995.

ARIÈS, Phillipe. **História da morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

BIRD, S. Elizabeth ; DARDENNE, Robert W. Mito, registo e 'estórias': explorando as qualidades narrativas das notícias. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e "estórias"**. Lisboa: Veja, 1993.

CAZENEUVE, Jean. **Sociologie du rite**. Paris: Presses Universitaires de France, 1971.

FELINTO, Erick. O Espectro na sala de estar: as imagens e o imaginário tecnológico da fantasmagoria. In ARAÚJO, Denize Correa. **Imagem (ir)realidade: Comunicação e cibermídia**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

FRAGOSO, Suely. Eu odeio quem odeia... Considerações sobre o comportamento dos usuários brasileiros na "tomada" do orkut. **E-Compós: Revista da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, n. 9, ago.2006. Disponível em:<http://boston.braslink.com/compos.org.br/ecompos/frm_ecompos_secoes_artigo.asp?id_secao=10>

GOFFMAN, Erving. **A Representação do eu na vida cotidiana**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

JOHNSON, Steven. **Interface culture**. New York: Basic Books, 1997.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

LEENHARDT, Maurice. **Do kamo: la personne et le mythe dans le monde mélanésien**. Paris: Gallimard, 1971.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: Edições 34, 1999.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

ONG, Walter. **Oralidade e cultura escrita**. São Paulo: Papyrus. 1998.

REID, Elizabeth. Hierarchy and Power. Social Control in Cyberspace. In: SMITH, Marc A.; KOLLOCK, Peter. **Communities in cyberspace**. London: Routledge, 1999. P. 107-133.

SÁ, Simone. *O Samba em Rede - comunidades virtuais, dinâmicas identitárias e carnaval carioca*. 1. ed. Rio de Janeiro: E-Papers, 2005.

SCHUDSON, Michael. *Discovering the news: a social history of american newspapers*. New York: Basic Books, 1978.

SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da Intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SIBILIA, Paula. O show da vida íntima na internet: blogs, fotologs, videologs, orkut e webcams. In: *ENCONTRO DA COMPÓS*, 15, 2006, Bauru, SP. [Anais...]. Bauru: Unesp, 2006.

SINGER, Ben. Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular. In: CHERNEY, Leo; SCHWARTZ, R. (Org.). *O Cinema e a invenção da vida moderna*. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

TURNER, Victor. *O Processo ritual: estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974.

¹ A tolerância em relação aos *fakes* e a liberalidade no processo de convite e aceitação de novos amigos constituem traço específicos do uso brasileiro do *Orkut*. Essa diferença no modo de usar o site de relacionamentos ocasionou ácidas disputas entre os usuários brasileiros e os americanos, as quais, contudo, perderam parte de sua importância quando os brasileiros “dominaram” o *Orkut*, chegando a responder por cerca de 70% dos usuários mundiais. (Ver a este respeito, FRAGOSO, 2006).

² <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=2428736>

³ <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=993780>

⁴ <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=7267631>

⁵ <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=10583949>

⁶ <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=11842689>

⁷ <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=13296497>

⁸ <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=8068435>

⁹ <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=3446206>

